



AS PERSPECTIVAS E ANSEIOS DAS FAMÍLIAS DE PORTADORES DA SÍNDROME DE DOWN EM RELAÇÃO À SUA ESCOLARIZAÇÃO

¹ALANIZ, Vanessa Neumann; AMARAL, Lúcia Andréia; MARTINS, Maria Beatriz; RESÉM, Angela Maria Dias; ROCHA, Vera Regina; ²SELAU, Bento.

¹Estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia-Unipampa/Jaguarão;

²Professor Unipampa/Jaguarão.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “As perspectivas e anseios dos pais das crianças portadoras da síndrome de Down de Jaguarão em relação à escola regular” conduzida no 5º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa/Campus Jaguarão objetivou compreender os motivos pelos quais as crianças da (APAE¹) de Jaguarão com Síndrome de Down também não frequentam a escola regular.

Com esta pesquisa pretendemos compreender, especificamente, como os pais se sentem em relação aos seus filhos, suas expectativas de futuro, sua visão em relação a preparação dos professores, seus anseios e o que a família faz para que essa criança consiga sua independência. Também reconhecer o pensamento dos pais sobre a participação das crianças com Síndrome de Down no processo de inclusão.

Nosso modelo educacional mostrava, há algum tempo, sinais de esgotamento, sendo necessário algo novo. Segundo Selau (2007) a visão que se tinha das pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE²) tem se modificado de acordo com o passar dos anos, pois hoje se fala mais de inclusão do que antigamente.

Para Selau (2007) a educação inclusiva define-se por uma educação escolar na mesma sala de aula, para todos os alunos, independentemente das diferenças que possam apresentar. De acordo com Furini (2006) família é determinante para uma inclusão de qualidade e os pais precisam acreditar que o filho tem potencialidades para que se facilite a inclusão e o avanço da criança em todos os aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento. Para Paez³(2003) citada por Furini (2006) o projeto de vida da criança está ligado a maneira como os

¹ APAE - Associação de Pais e Amigos dos excepcionais.

² Parar agilizar a leitura ao nos referirmos as necessidades educacionais especiais usaremos a sigla NEE

³ PÁEZ, S. C. A diversidade como valor: uma estratégia para a integração escolar. **Projeto**, Porto Alegre, v. 5, n. 7, p. 14-20, 2003.

pais recebem a informação do diagnóstico e que tratamentos serão necessários. Enfim, os pais precisam ter conhecimentos que o processo de desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down também se dá em casa, no envolvimento familiar. Portanto, o papel da família é fundamental na vida da criança. É na família que toda a criança busca os modelos de conduta, afeto, valores e crenças.

2. MÉTODOS

A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, nos dias e horários combinados com os pais na APAE.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada, considerando o pensamento de Negrine (1999), que diz que quando se faz uso desta, por um lado, visa-se garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo, e, por outro, dá-se maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado apontar aspectos que, os segundo sua ótica, sejam relevantes. Negrine (1999) cita que a entrevista semi-estruturada está pensada para que se obtenham informações de questões concretas, previamente pautadas pelo pesquisador, permitindo realizar explorações não previstas, no intuito de trazer o entrevistado para dentro do tema.

As questões das entrevistas foram preparadas em função do objetivo da pesquisa com a participação do professor Bento Selau e estudantes do curso de Pedagogia do V semestre da UNIPAMPA. Realizamos as seguintes questões: Você procurou matricular o seu filho em escola regular? Que idade a criança tinha? Que nível escolar foi solicitado? Você acha que os professores do ensino regular estão preparados para a inclusão? Existe por parte da família o interesse que seu filho frequente a rede regular de ensino? Em que você acredita que a escola vá melhorar a qualidade de vida de seu filho? Qual a sua expectativa com relação ao nível escolar que seu filho poderá alcançar na rede de ensino regular? O que a família faz para desenvolver a independência da criança? Quais as expectativas dos pais e preocupações sobre a sexualidade, casamento, filhos, trabalho, em relação ao seu filho? A coleta de dados de informações foi realizada pelos estudantes do grupo, onde as respostas foram analisadas e transformadas em texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme observado durante as entrevistas, as mães das crianças com Síndrome de Down apresentaram opiniões diferentes. Notamos que uma delas, a mãe de Gustavo⁴ apresentou segurança em relação APAE e insegurança com relação à escola de ensino regular, mesmo sabendo que a criança tem o direito de cursar a escola regular. Já a mãe de Marina acredita que a inclusão é importante,

⁴ Para preservar a identidade das pessoas envolvidas na pesquisa utilizamos nomes fictícios.

mesmo salientando que as escolas de Jaguarão não estão preparadas para atender esta clientela que chega.

De acordo com as respostas obtidas observamos que a mãe do menino Gustavo está conforme com o atendimento na APAE e não pensa em colocá-lo em uma escola regular, porque julga que ele não irá acompanhar e adaptar-se. Como o menino já está na APAE desde os dois meses de idade para a estimulação e já se sente parte da escola, acredita que realmente seja o melhor para ele: “estou muito contente com o atendimento da APAE, ele não teria o mesmo rendimento em uma escola regular, os professores não estão preparados para inclusão. E meu filho sente-se muito a vontade na APAE, está na escola desde os dois meses”. A mãe acredita não ter professores especializados e preparados na rede regular de ensino para poder atender crianças com Síndrome de Down. A família busca o apoio dos profissionais da APAE, como Psicólogos, Pedagogos, Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas, fonoaudiólogos e no seu meio familiar procura proporcionar tratamento igual entre ele e o irmão e espera que o garoto tenha uma vida “normal”, pois acredita que ele é bastante inteligente e comunicativo.

A outra mãe entrevistada (mãe de Marina) respondeu que ainda não procurou o ensino regular pelo fato de que a menina ainda não tem idade, porém pretende procurar assim que a menina completar idade escolar. Acredita que na escola regular os professores não estão capacitados para este processo, mas por outro lado confia que a escola regular pode auxiliar no sentido de igualdade e crescimento. Há muitas esperanças por parte da mãe com relação ao futuro da filha, pois imagina que sua filha até curse uma faculdade e trabalhe, porém é descartada a idéia de casamento, conforme relata: “eu não sei como vai ser, pois sei que eles são bem namoradores, não sei como vou encarar o casamento a sexualidade, mas quero que ela trabalhe.” De acordo com o depoimento da mãe, foi notado muitas expectativas para o futuro da filha e no seu processo de aprendizagem.

Niella⁵ citada por Furini (2006) diz que as famílias são os agentes mais apropriados dentro da sociedade para transmitir as competências humanas de geração a geração. Também Furini (2006) salienta que a família tem enorme importância para seu sucesso, já que é o primeiro grupo social em que se vive, e assim, ajuda a construir a individualidade e a independência.

Percebe-se nas famílias em relação aos filhos com necessidades especiais, que possuem pais com expectativas tanto altas como baixas. Mas também há famílias que encaram o filho deficiente como sujeito limitado.

4. CONCLUSÕES

Percebemos que a educação inclusiva realmente pode ser influenciada pelas famílias das crianças com NEE, pois algumas acreditam na importância da inclusão para o desenvolvimento de seus filhos e outras pensam que a inclusão, ao contrário, apresentaria alguns aspectos negativos. Dentre os aspectos negativos encontrados na entrevistas foram ressaltados o preconceito (por suas

⁵

NIELLA, M. F. **Familia y deficiencia mental**. Salamanca: Amarú, 1993.

características físicas e dificuldades de aprendizagem) e o despreparo das escolas para tal proposta.

Esperamos que sejam realizadas outras pesquisas sobre a inclusão em Jaguarão, para que haja uma desmistificação dos aspectos negativos encontrados e assim a inclusão seja realmente uma realidade de sucesso.

5. REFÊRENCIAS

FURINI, A. B. **Processo de inclusão:** a criança com necessidade educativa especial e os envolvidos. Porto Alegre, 2006. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. PUCRS, 2006.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A.(org). **A pesquisa qualitativa na Educação Física:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

SELAU, B. **Inclusão na sala de aula.** Porto Alegre: Evangraf, 2007.